

# António Rodrigues Sampaio e o papel “civilizador” da imprensa\*

Manuel Pinto\*\*

## Resumo:

António Rodrigues Sampaio foi seguramente um dos maiores e melhores jornalistas portugueses do século XIX, tendo exercido longamente a profissão, sobretudo em “A Revolução de Setembro”, como um verdadeiro magistério cívico e político. Nesta comunicação procura-se sublinhar as concepções jornalísticas desta figura oitocentista, perspectivadas no quadro a que José Tengarrinha chamou a ‘fase romântica da Imprensa portuguesa. Sustenta-se aqui a ideia de que as tribunas jornalísticas e o próprio jornalismo eram assumidos por Rodrigues Sampaio como formas desejáveis e eficazes de transferir para o debate das ideias a violência das relações sociais, originadas pelas mudanças culturais, económicas e políticas. O jornalismo seria uma forma de prosseguir a guerra por outros meios, parafraseando Clausewitz.

Ainda que Rodrigues Sampaio não tenha sido fundador do diário “A Revolução de Setembro”<sup>1</sup>, pode dizer-se que, quase desde o início, assumiu nele um tal papel e estabeleceu com ele uma tal identificação que se tornou conhecido como o *Sampaio da Revolução*. Quando se iniciou nesse jornal, levava a experiência de “A Vedeta da Liberdade”, onde, a partir de 1834, colaborara como tradutor de folhas estrangeiras. Talvez por isso tenha começado, em A Revolução, precisamente por se ocupar do noticiário que, através do correio, chegava de além-fronteiras. E foi aqui o seu poiso permanente, tornando-se, a partir de 1844, o redactor principal<sup>2</sup>.

## 1. Contexto sócio-político da imprensa oitocentista

Não se pode compreender o sentido e o alcance da acção de Sampaio como jornalista sem algum tipo de enquadramento da sua acção no percurso histórico da imprensa e, nomeadamente, na luta pela liberdade de expressão e de imprensa. Na sua História da Imprensa Periódica Portuguesa, José Manuel Tengarrinha propõe uma periodização em três etapas. A primeira vai de meados do século XVII (com a Gazeta, de 1641) até à Revolução Liberal e caracteriza-se, grosso modo, pela emergência e consolidação do “periodismo”; a segunda ocupa sensivelmente o período liberal até ao último quartel do século XIX; e o terceiro seria marcado pela industrialização da imprensa, pela crescente profissionalização e reforço progressivo da vertente noticiosa.

A figura que aqui nos convoca situa-se na segunda fase, um período que o nosso mais importante historiador da Imprensa baptiza como “romântico”. Trata-se, de facto, de um tempo marcado por grandes transformações políticas (recordemos o impacte da Revolução Francesa, os avanços e recuos do regime liberal e das lutas entre as suas

---

\* Texto relativo à conferência sob o mesmo título proferida no seminário “António Rodrigues Sampaio – bicentenário do nascimento”, organizado pela Câmara Municipal de Esposende e pela Universidade do Minho no Auditório Municipal de Esposende em 21 de Julho de 2006.

\*\* Professor de Jornalismo na Universidade do Minho ([mpinto@ics.uminho.pt](mailto:mpinto@ics.uminho.pt))

<sup>1</sup> Este jornal foi fundado em 1840 por José Estêvão Coelho de Magalhães, Manuel José Mendes Leite e Joaquim da Fonseca Silva Castro.

<sup>2</sup> Nos agitados anos da Maria da Fonte e da Patuleia (1846-1847) publica em “O Ecco de Santarém” e escreve e dirige “O Espectro”, um caso singular da imprensa clandestina portuguesa.

várias facções) e de transformações técnicas (o vapor aplicado às viagens marítimas, à indústria manufactureira ou ao transporte ferroviário, o telégrafo...). A conquista da liberdade estava longe, nos primórdios do liberalismo, de ser uma mera questão de liberdade de expressão e de imprensa. Era, de facto, também, uma aceleração da libertação das pessoas e das coisas face a antigas servidões e a uma ordem social decadente. Para esse movimento das ideias muito contribuíram figuras marcantes do liberalismo que, obrigadas a emigrar, contactaram de perto (em Inglaterra e na França, principalmente) com experiências e correntes que seriam altamente formativas e inspiradoras, uma vez regressados ao país.

Na sua aldeia de S. Bartolomeu do Mar, Esposende, onde, pelos finais dos anos vinte, leccionava gratuitamente a gente humilde, Rodrigues Sampaio começou cedo a dar-se conta destes abalos telúricos por que passava a sociedade portuguesa do tempo. Os avanços e, sobretudo, os recuos da nova ordem liberal, instaurada em 1820 haviam de lhe custar a prisão e abrir um rumo novo que marcou radicalmente a sua vida.

Antes ainda de nos debruçarmos sobre as concepções de Rodrigues Sampaio acerca do papel da Imprensa, convém sublinhar que eram muito diversas das de hoje as concepções então dominantes de jornalismo. De resto, na primeira metade do século XIX é difícil encontrar verdadeiramente jornalistas, no sentido profissionalizado que conhecemos hoje. Havia certamente quem vivesse de tal actividade. Mas eram poucos e as incipientes empresas reduziam-se a meia dúzia de colaboradores, muitas vezes polivalentes, os quais se assumiam, acima de tudo, como militantes ao serviço de uma causa (política, religiosa, social...).

Não existia ainda uma imprensa predominantemente caracterizada pelas notícias, como nas décadas finais do século vai emergindo, mas uma imprensa de opinião. Nela se pode dizer que os factos se submetem à opinião. Servem para ilustrar, aprofundar, demarcar. Servem como pretexto, alimento e exemplificação do endoutrinamento e do combate das ideias adversárias.

Esta é uma imprensa de combate, “organicamente” ligada às instituições de que são porta-vozes (governos, partidos, confissões religiosas, associações sociais ou ideológicas), ainda que, num caso ou noutro, se registasse jornais ideologicamente alinhados, mas não directamente enfeudados a alguma instituição em particular. As áreas temáticas tratadas são reduzidas: a política, a diplomacia, a religião, a economia, a literatura e as artes.

No clima de afrontamento político e de dilaceração social que marcou a primeira metade do século XIX, a instrumentalização da imprensa para as diferentes causas e correntes que se digladiavam constitui uma marca fundamental. Os jornais constituíam, a um tempo, mais uma frente de combate e uma excelente via de publicidade de ideias e argumentos e, conseqüentemente, de possível angariação de novos adeptos. Um outro e igualmente notável Sampaio, Sampaio Bruno escreveria, anos mais tarde (1908: 33), que *“pregador era a maneira antiga de ser jornalista, como jornalista é a maneira moderna de ser pregador”*.

## **2. O jornalista e o jornalismo em Rodrigues Sampaio**

António Rodrigues Sampaio é, talvez, de todos os jornalistas oitocentistas, aquele que mais e melhor exprime esta concepção combativa da imprensa e do próprio jornalismo. A propósito do aparecimento, em 1848, de um jornal intitulado “Lusitano”, que se pretendia sem alinhamento assumido, Rodrigues Sampaio verbera-lhe a pretensão nestes termos:

*“O Lusitano parece não ter sistema, i.e., um corpo de doutrina que é preciso abraçar com preferência a outro qualquer porque isso é necessário num homem d’estado. Cumpre adoptar um sistema com todos os seus inconvenientes, porque nenhum há que os não tenha”*<sup>3</sup>.

Contudo, no caso particular do nosso autor, mesmo quando um jornal se assume como instância de partido, ainda aí deve visar mais alto, visto que a sua “missão” não é a de ser mera ferramenta. *“Um jornal - anota - não representa simplesmente um partido, porque nesse caso seria ecco, e não sacerdócio nem ensino. Nós nem somos ecco nem caudillo. Pregamos uma doutrina que nos parece santa e justa. Siquis vul<sup>4</sup>t, dizia o divino mestre, e assim dizemos nós que nos presamos de ser seu discípulo. Se interpretamos mal o credo progressista, a culpa é nossa, as turbas que nos deixem; se interpretamos bem, a glória é para o partido”*<sup>5</sup>. Por conseguinte, existe uma esfera de autonomia e de especificidade na imprensa, que não se reduz à defesa de uma trincheira. É ela a função de magistério e de serviço<sup>6</sup>.

Nessa função, cabe-lhe estar atenta àquilo que se passa, para lá daquilo que publicamente se sabe ou que os olhos alcançam. Para Rodrigues Sampaio, *“a imprensa é feita para tirar a verdade d’entre as maranhas dos enredadores, e iluminar bem os recantos e as insidias das veredas políticas”* E anota, a este respeito: *“Nunca havemos mister tanto deste seu importantíssimo serviço”*<sup>7</sup>. Não o pode prestar, todavia, a qualquer preço. Conforme as suas palavras, *“a imprensa invade tudo, sabe tudo, mas não lhe é lícito dizer tudo. Sentinella vigilante postada às portas do poder nada lhe pode ser defeso, mas para credito seu não pode levantar as vezes o véo do mistério que encobre muitas torpesas. O acto existe mas as provas faltam (...) Com Galileu ela pode dizer – E pur si muove”*<sup>8</sup>. E quando, dez anos mais tarde, outra publicação da altura publicou insinuações “torpes e indecentes” sobre a congregação das Irmãs da Caridade, recém-regressadas ao país, Sampaio escreve em A Revolução<sup>9</sup>:

*“Appelamos para a imprensa esclarecida e honesta a fim de desaprovar este desvio que a deshonna. Podemos divergir uns dos outros sem offender a sociedade. Poderia o jornalista insensato ler aquelle artigo diante de suas irmãs e de sua mãe? Não as faria corar de pejo?”*.

### **3. Um profissional que faz o que diz**

Todos sabemos que pode ir uma grande distância entre o dizer e o fazer. Não falta quem dê para os outros repetidas lições de moral e se esqueça de praticar aquilo que diz ou defende. Não era assim com Rodrigues Sampaio, que pode ser considerado um verdadeiro combatente pela liberdade, pondo em risco a sua posição, o seu trabalho e eventualmente a sua vida.

---

<sup>3</sup> In A Revolução de Setembro, 27 de Setembro de 1848.

<sup>4</sup> Trad.: Se queres seguir-me...” (referência ao Evangelho de Mateus 16, 24)

<sup>5</sup> In A Revolução de Setembro, 16 de Março de 1952.

<sup>6</sup> Esta ideia do jornalismo como sacerdócio já Sampaio a tinha defendido num número de “O Espectro (26.2.1847), nos termos seguintes: “O jornalista é o sacerdote d’uma religião, d’uma crença social – expõe a sua doutrina, discute, convence ou é convencido. A sua alma deve respirar sempre amor, o seu apostolado é um apostolado de paz. Se o seu irmão pecca, deve dizer-lhe como o sacerdote do Evangelho – *Fili peccasti, non adjicias iterum*”. E, de novo, em A Revolução (2.3.1852), precisa: “Este sacerdócio é grande e magestoso quando é livre e independente”.

<sup>7</sup> In A Revolução de Setembro, 16 de Novembro de 1848.

<sup>8</sup> In A Revolução de Setembro, 24 de Agosto de 1848.

<sup>9</sup> In A Revolução de Setembro, 22 de Junho de 1858.

Em nome dos seus ideais de liberdade e de progresso conheceu por mais de uma vez a prisão, viveu na clandestinidade, viu A Revolução de Setembro impedido de ser impressa e de ser apregoado nas ruas, soube, durante boa parte da vida, o que é existir sobre o fio da navalha. Conheceu os dias de tranquilidade e o sabor do prestígio e do reconhecimento, mas até ao fim teve de afrontar invectivas demolidoras e a crítica feroz.

Há traços do seu carácter e constantes do seu modo de ser que até os adversários lhe reconhecem: a coerência, a coragem, o sentido do serviço público. Tudo isso transparece na sua acção enquanto jornalista. Mas espelha-se igualmente na intervenção propriamente política e social.

Quando, no auge da sua projecção como jornalista, o poder cartista lhe tentou “quebrar as pernas”, prendendo-o e suspendendo A Revolução, foi mais longe: tentou também vergá-lo, acenando com cargos importantes. A resposta foi um não rotundo. O aliciamento foi, então, mais arrojado. Conforme conta um académico seu conterrâneo, que se tem dedicado ao estudo da sua vida e obra: “*A este [oferecimento] seguiu-se-lhe nova oferta: a fundação de um jornal com imprensa própria e com uma subvenção do Duque [da Terceira, presidente do Ministério] durante um ano. Se, decorrido esse período, o jornal tivesse prosperado, periódico e imprensa ficariam propriedade de Sampaio; no caso contrário, uma razoável pensão vitalícia ser-lhe-ia paga pelo Duque, garantindo-lhe um futuro despreocupado e independente*” (Soares, 1982: XXII). Não será necessário referir qual foi a resposta.

Um dos biógrafos do nosso autor recorda que “Sampaio era duma bondade inesgotável e duma grandeza de alma sem igual”.

“O mal que esse homem [Costa Cabral] nos fez perdoamos-lho (...) porque decahido do poder tem só a Deos por si e a sua espada. São por elle as nossas sympathias porque é arrojado, porque expõe a sua cabeça ao cutello, porque supõe defender uma grande e generosa causa. São por elle hoje as nossas sympathias porque é desamparado daquelles a quem engrandeceu, a quem salvou, a quem cubriu de benefícios quando nós o guerreávamos com as armas e com a penna. E estas sympathias crescerão na proporção da sua desgraça. Quando os que foram seus capachos o accusarem, havemos nós de o defender (...) O campo é diverso, mas há um sentimento de honra e de pundonor que são communs a todos os homens”

*In A Revolução de Setembro, 1851, Nov. 4*

Castilho e Herculano eram mestres do fundador do Diário de Notícias e dos seus redactores. A linguagem do jornal enquadrava-se nos padrões de Castilho, introduzidos na Revista Universal Lisbonense. Recorda este facto Silva Túlio, na primeira história do jornalismo em Portugal. Mas outro mestre era Rodrigues Sampaio, seu antigo director durante a Revolução de Setembro. O Album de Glórias, de Bordalo, acompanhado de um texto de João Rialto ( pseudónimo de Guilherme de Azevedo) salienta que, além «de uma linguagem naturalista e ao mesmo tempo contenciosa, própria de um conselheiro do Tribunal de Contas», Sampaio, «educado na rudeza primitiva da clerezia de Braga, trouxe para o jornalismo militante um estilo rigoroso, casto e bem nutrido, criado com migas e Santos Padres».

DN, 29.12.2004

Diz um dos seus biógrafos: «Sampaio era duma bondade inesgotável e duma grandeza de alma sem igual; a lhaneza do seu trato manifestava-a ele tanto na vida íntima e dos amigos, como nas reuniões escolares a que nunca faltou quando era ministro, porque Sampaio sentia-se bem quando estava no meio do povo que amava entranhadamente. O seu verdadeiro elogio fê-lo o povo de Lisboa no dia do seu enterramento, concorrendo a população quase toda ao cemitério dos Prazeres onde foi inumado, e a esse elogio se associaram bizarramente todos os partidos políticos, que depondo as armas, tristemente se enfileiraram com o partido regenerador, prestando homenagem ao último herói dessa geração de fortes que auxiliaram a implantação do sistema liberal no país. E a sua maior e mais pura glória consiste na confissão espontânea dos seus adversários, de que António Rodrigues Sampaio morreu sem inimigos e pobre, porque fez bem a muitos e suavizou muitos infortúnios, pelo que teve a desgraça fatal de criar também algumas ingratos.» Sampaio fizera, parece que em 1867, uma viagem na Europa, e escrevera para a Revolução de Setembro umas cartas admiráveis, que infelizmente não foram colleccionadas em livro.

Portugal - Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico, Volume VI, págs. 380-384.

Edição em papel © 1904-1915 João Romano Torres - Editor

**“A imprensa é civilisadora, é conselheira de paz, é mensageira da verdade. (...) A imprensa não diz ao povo que se insurja, mas diz e repete cem vezes ao governo que o seu systema leva o povo direito à insurreição. A imprensa não excita as paixões do paiz contra as auctoridades, mas tem obrigação de dizer que o roubo, o peculato e a concussão são motivos sufficientemente fortes para excitar todas as susceptibilidades e levantar todos os corações honestos e todos os ânimos pundonorosos. Esta missão sacratíssima temos a consciencia de a haver desempenhado”**  
in *A Revolução de Setembro*, 1851, Nov.4

■ “Não queria que se amasse a liberdade de imprensa só quando nos é favorável, e se restringisse quando nos é contrária. Queria que esses principios fossem de todos os tempos (...); e por isso é que eu desejava que firmássemos estes verdadeiros princípios que, como agora protegem e devem proteger os nossos adversários, também nos devem proteger a nós”  
in *Diário da Câmara dos Deputados*, IV, Abril, 1856, p.347.

Centremos a nossa atenção no título escolhido para esta comunicação: “o papel civilizador da Imprensa”. Rodrigues Sampaio é claro na assunção desse papel: “**A imprensa é civilisadora, é conselheira de paz, é mensageira da verdade**”, observa o

**jornalista.** “Pondo a mão sobre o coração do paiz conta todas as suas palpitações, espreita todos os seus movimentos, e procura dar-lhes uma solução pacífica e racional”. (Revolução de Setembro, 4 de Novembro de 1851).

A força da Imprensa é, em grande medida, a força da palavra. Mais: **a força da palavra livre e do debate público.**

Claro que seria anacronismo crasso transportar para esse tempo o conceito de esfera pública – ou, mais ainda, de esfera mediática, que hoje conhecemos (ainda que o fundo dos debates se continua a parecer tanto com o dos dias que passam, a todos aqueles que compulsam os jornais da época!).

Pode dizer-se, grosso modo, que, nos primeiros dois terços do século XIX, os círculos de assinantes e leitores de cada periódico eram elites relativamente reduzidas. O analfabetismo era muito elevado. Os transportes eram lentos e difíceis. O preço médio era elevado. A instabilidade política e a persistente crise social e económica complicava o quadro geral. Mas os jornais eram numerosos, dispersos pelo território e diversos na orientação política e editorial.

Neste quadro, vale a pena perguntar **que significado e alcance pode ter propugnar por um papel civilizador da imprensa.**

O Sampaio da Revolução não aprofundou demasiado o tema, tanto quanto é do meu conhecimento. Mas deixou pistas que nos permitem ensaiar uma resposta.

Começa por recusar um jornalismo de ataques gratuitos e de vindictas caseiras., como vimos. Mostra-se de forma contundente **contra “publicistas de baioneta e cacete”** (In Revolução de Setembro, 23.9.1847)

Sublinha que o seu propósito não é “obter justiça para os (...) correlegionários”, nem desforrar-se dos “agravos dos (...) contrários”. É óbvio que isto é formulado em tempos de maior tranquilidade, já lançado o movimento regenerador. Em plena Patuleia não hesita em assumir que o clandestino “O Espectro” será “a sombra das victimas que acompanhará sempre os seus assassinos e oppressores”.

Quando as marés são de conflito aberto, em que as armas se substituem, ou pelo menos acompanham o esgrimir das ideias, o discurso é radical e de combate assumido e sem contemplações. Mas, fora desses quadros, preocupa-se em **introduzir no registo do discurso um critério que rompe com a antinomia “nós-eles”**, quando pergunta, por exemplo: “Que nos importa ver na frente dos fautores das calamidades nacionaes o stygma da opinião pública, se não vemos brilhar na frente do paiz a coroa da civilização, que elle tanto merece?” (RS, 2.1.1852).

Outra distinção importante, que se recorta dos seus escritos consiste em **distinguir a pessoa da função que desempenha**, o que parece ser um caminho necessário para fugir dos ataques “ad hominem”.

No período da guerra civil de 46-47, a rainha e o paço são objecto de críticas ferozes por parte de António Rodrigues Sampaio. Mas quando, a dada altura, se levantam rumores e boatos sobre questões de índole moral, o jornalista corta a direito, sem hesitações:

“O paço dos nossos reis é um foco de corrupção política, mas não é de corrupção moral (...) Appraz.nos fazer esta justiça. Assim podessemos achar que louvar no funcionário como achamos no individuo. Por isso é que a nossa voz se levanta contra uma imputação injuriosa e falsa – A moral respeita-se no adversário como no amigo. (...) Adversários da corte como somos, perseguidos por ella, sem lhe implorarmos para nós mercê ou compaixão, queremos que os nossos correlegionários, camaradas nesta cruzada santa, defensores da verdade, sejam soldados dignos d’ella, porque so merecem servir o povo aquelles que lhe fazem honra pela sua virtude”. E esclarece: “Não bradamos contra os tyrannos, bradamos contra a tyrannia”.

A passagem de um regime absolutista para um regime liberal, em que as estruturas do “Portugal Velho” continuavam a resistir, em que novos actores sociais reivindicavam vez e voz, em que a estrutura da propriedade da terra sofreu embates fortíssimos, tornava-se necessário um magistério que fizesse ver as vantagens de integrar as diferenças sem descambar na violência armada, de debater sem necessariamente ter sobre a mesa do debate a eliminação do contendor.

Um sinal inequívoco desta transposição da violência social e física para o plano simbólico encontramos-lo na reflexão que produz a propósito da tentativa de regicídio, que ocorreu na casa real espanhola, nos princípios de 1852, quando observa: “O assassinato resolve todas as suas questões [da jurisprudência absolutista]. Como a opinião não tem força, porque nem se conhece, nem se respeitaria se se conhecesse, recorre-se do punhal”. (RS, 7.2.1852)

Esta simbolização da violência social representa, do meu ponto de vista, a principal dimensão civilizadora da imprensa, da qual Rodrigues Sampaio quis ser cultor.

O jornalista assume-se, em primeiro lugar, como investido num magistério. Que, na sua perspectiva é mesmo superior à tribuna parlamentar, visto que esta é uma “função” enquanto aquela é “um sacerdócio”. Ambas são, no entanto “filhas da mesma mãe” (RS, 10.7.1848) e “se entre elas existe antagonismo é pela má organização da sociedade”, já que “a tribuna é a voz do privilégio” ao passo que “a imprensa, apesar dos vícios da sua constituição, é a voz do povo; o seu sufrágio é o sufrágio universal”. Ao parlamento caberia fazer “boas leis” imprescindíveis à conquista do progresso “sem revolução armada” (RS, 25.2.1854)

Rodrigues Sampaio combateu nas duas trincheiras, com o alcance e os resultados que esta jornada evocativa pretende iluminar. Mas por alguma razão, em mais de um momento, sempre sublinhou a primazia da sua condição de jornalista. É que não bastam as leis, ainda que boas, para o progresso da sociedade e da humanidade. Para citar S. Paulo, a lei sem a graça – sem a vida, afinal – de pouco vale.

#### Referências bibliográficas

- Bruno, Sampaio (1908) *Os Portuenses Illustres*. Tomo II.  
Dias, Augusto da C. (1978) *Discursos sobre a Liberdade de Imprensa no Primeiro Parlamento Português (1821)*. Lisboa: Editorial Estampa  
Soares, Franquelim N. (1982) *António Rodrigues Sampaio 1806-1882: Antologia. Introdução e selecção de textos*. Edição da Câmara Municipal de Lisboa.  
Tengarrinha, José M. (1989) *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, 2ª ed. revista e aumentada. Lisboa: Caminho